Material Digital do

LIVRO DO PROFESSOR

Autoria: LÍLIA MARTINS

Título: O ELEFANTE CAIU

Autor e Ilustrador: IVAN ZIGG

Editora LÊ

BEM-VINDO, PROFESSOR
AO LIVRO

AUTORIA: LÍLIA MARTINS

1ª EDIÇÃO - 2021

CATEGORIA PRÉ-ESCOLA

GÊNERO: NARRATIVO.

TEMAS: AVENTURAS EM CONTEXTOS IMAGINÁRIOS OU REALISTAS, URBANOS, RURAIS, LOCAIS, INTERNACIONAIS.

ISBN 978-65-86023-09-1

LÊ

Sumário

PARTE 1. 6
Carta ao professor e à professora 7
Por que e para que ler para crianças pequenas 8
Como e onde ler para as crianças pequenas 12
Conhecendo a obra 14
Conhecendo o autor e ilustrador 15
Literatura para pequenos leitores 16
Por dentro da história 19
Contando elefantes 21

PARTE 2 24
A hora da leitura 25

PARTE 3. 28
Atividades complementares 29

PARTE 4. 35
Jogos e brincadeiras 36
Canções e vídeos 39

PARTE 5. 41
Bibliografia Comentada 42
Sugestões de leitura 44

Parte 1

"Designed by Freepik"

Caro professor, cara professora,

É uma alegria saber que as escolas de educação infantil e as creches estão recebendo livros de literatura! E que você tem em mãos este título da Editora Lê para ser seu companheiro na empolgante tarefa de apresentar aos(às) pequenos(as) leitores(as) um rico e mágico universo literário.

Para formar leitores(as) é preciso ter contato com livros diversos, com ilustrações sensíveis e temas instigantes, capazes de desencadear os mais ricos diálogos. O(A) educador(a) caminha lado a lado com o(a) pequeno(a) leitor(a), nessa jornada na qual cada página apresenta uma diversidade de informações a serem apreciadas e apreendidas.

As crianças decifram à sua maneira as imagens, palavras e texturas do livro que lhes é apresentado, e este caminhar na apreciação do belo e do lúdico passa necessariamente pela mediação do(da) professor(a), que também se reconstrói como leitor(a).

Daí a importância de se ativarem os sentidos e realizar sempre novas leituras, expandindo a percepção sobre o livro, pois ele ganha novos contornos a cada leitura.

Convidamos você para nos acompanhar nesta proposta de ampliar o convívio com a literatura e tornar-se leitor(a), ouvinte, espectador(a), construtor(a) de novas narrativas, condutor(a) nos caminhos que se abrem em cada leitura compartilhada.

Vamos caminhar juntos!

— Os Editores

Por que e para que ler para crianças pequenas

O livro e a literatura são elementos fundamentais para a inserção das pessoas na sociedade como cidadãos. O sociólogo e crítico literário Antonio Candido afirma que a literatura é, ou ao menos deveria ser, um direito básico do ser humano.

Existem direitos que são universais e não é difícil identificá-los quando os associamos a tudo o que desejamos de melhor para nós e para os outros. Nós queremos moradia, alimentação, saúde, educação, vestuário, liberdade individual, justiça, proteção, direito à crença, à opinião e ao lazer.

O que o professor Antonio Candido acrescenta a essa lista é um elemento inovador, que se enquadra nas nossas necessidades mais profundas. O ser humano necessita da ficção e da fabulação que, segundo ele, atuam diretamente na sua formação.

Fazer parte da sociedade e exercer plenamente os direitos pressupõe a todos a oportunidade de acessar o conhecimento popular e aquele gerado pela ciência, historicamente sistematizado e repassado através da oralidade, dos cânones, das manifestações culturais e artísticas e expostos em suportes diversificados que tornam coletivo todo esse legado.

A todas as crianças brasileiras de 0 a 5 anos de idade é garantido o atendimento em creches e pré-escolas, sendo esse um dever do Estado. Desde a Constituição cidadã de 1998 e mais adiante, com a promulgação da LDB, acontece a integração da educação infantil à educação básica, agregando essa modalidade nas políticas públicas educacionais e não mais isolando-a de sentido. Desse modo, as antigas instituições que detinham o *status* de locais de abrigo ganham novos contornos e nelas se insere uma intencionalidade, não de serem impositivas, detentoras e transmissoras de saberes, mas de se tornarem espaços propícios ao desenvolvimento físico, social e intelectual, através de trocas significativas, onde todos ensinam e também aprendem. Elas são agora entendidas como instituições que acolhem sujeitos múltiplos com demandas e saberes específicos.

As creches e pré-escolas que surgem desde então são frutos de uma importante conquista, pois foram pensadas como ambientes formadores de cidadãos e cidadãs em exercício de seus direitos e em constante ampliação de sua compreensão de mundo.

A BNCC, Base Nacional Comum Curricular, reforça e alarga o entendimento da importância dos espaços destinados às crianças menores. Ela reconhece que

> creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo

de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.

(BRASIL. BNCC, 2017. p. 37)

Aqui entende-se que, mesmo na primeira infância, as crianças são capazes de compreender o espaço que ocupam e dele extrair significados. E mais, o contato com diferentes ambientes e as interações proporcionadas pelos momentos coletivos nos espaços familiares e escolares contribuem para que se tornem mais independentes, estabeleçam conexões, assimilem conceitos e aumentem seus vínculos afetivos.

Sendo assim, as particularidades das crianças nessa faixa etária convocam os(as) educadores(as) a se debruçarem no entendimento das características e demandas infantis, para fazerem dessa etapa um período significativo de suas vidas, em que sejam respeitadas e potencializadas suas capacidades.

A compreensão de que os primeiros anos escolares carrega uma riqueza de aprendizagens contida nas transformações tanto física quanto intelectuais das crianças conduz a pensar em modos inovadores e ao mesmo tempo pautados no respeito às individualidades, que tornem a vivência no espaço escolar motivadora, divertida e prazerosa, para que ampliem-se os estímulos e o campo de interação em uma dinâmica mais abrangente, na qual suas percepções são mobilizadas de maneira diversa. Elas então se tornam sujeitos daquela aprendizagem e não meros receptores. Assim, serão capazes de apropriar-se do conhecimento e expandi-lo em conexões que conduzem a novos aprendizados e novas inferências.

No espaço escolar onde circulam os bebês e as crianças pequenas, é preciso haver a garantia de uma infraestrutura adequada e dotada de recursos múltiplos que as coloquem em situações que as instiguem, despertem sua criatividade e que as desafiem.

No rol de recursos pedagógicos e lúdicos a serem disponibilizados, é preciso atentar para que sejam todos eles pensados como portadores de sentido, que promovam descobertas e encantamento. Nas mãos das crianças é preciso haver jogos, brinquedos, fantasias, fantoches, objetos sensoriais, sonoros e... livros!

O livro de ficção está aí mesmo, junto com os demais recursos que convidam para a brincadeira. Inserir o livro nessa caixa de brinquedos é proposital, pois, como os outros objetos, ele também provoca o imaginário, conforma e confronta saberes e estimula os processos cognitivos. E coloca-se na condição de objeto lúdico e de obra de arte quando mediado pela via da fruição, ainda que dialogue com a realidade. A fruição leva a caminhos claros de expansão e podem falar mais fundo para consolidar, confirmar e auxiliar em processos internos. Yolanda Reyes afirma que “a literatura (...) é uma fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo dos acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se, também ela, na cadeia temporal instaurada na linguagem.” (REYES, 2010, p. 63).

É inegável que as crianças apreciam os livros e as histórias neles contidas. Observá-las apontar o que chama sua atenção durante uma leitura compartilhada, presenciar seu entusiasmo ao escutar e sua vontade de compartilhar suas impressões dão mostras do potencial do objeto livro no desenvolvimento da competência leitora.

O contato inicial dos(das) pequenos(as) com a literatura é através do conto oral, meio pelo qual os pais e, depois, os educadores desvelam histórias e, concomitantemente, apresentam-lhes o portador daquele texto. O livro acompanha as crianças no banho, no berço, no espaço de brincar e é folheado, tocado, experimentado, ganhando assim novos contornos. E nesses momentos a troca é feita em diálogos plenos de afeto, nos quais se fala de sensações e descobertas e consolida-se o gosto pelos livros e pela leitura, que é a chave para o início do letramento literário.

Diversos autores relatam a importância do contato com o estilo formal da língua escrita. Rildo Cosson sustenta que "vivenciando experiências com a materialidade do livro e sua imaterialidade, com o real e a ficção, com a voz penetrante e a palavra escrita, as crianças da primeira infância iniciam sua formação enquanto leitores a partir de uma mediação atenta" (COSSON, 2015, p.13). Para Yolanda Reyes, "tudo o que a criança experimenta no âmbito da linguagem oral lhe é oferecido pelo contexto para que se aproxime do código escrito, e ela usa tal reserva de conhecimentos para responder a novos desafios" (REYES, 2010, p. 86).

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) apresenta o conceito de "literacia", definindo-o como o "conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas com a leitura e a escrita e sua prática produtiva" (BRASIL, 2019). Desse modo, aponta que, desde os primeiros anos escolares, é preciso criar situações que gradativamente promovam os saberes necessários para ativar a compreensão leitora das crianças. O decreto que institui a PNA reconhece a importância de contar com vários agentes, valorizando, assim, os conhecimentos que são construídos com base na vivência com pais e cuidadores (literacia familiar) e posicionando a pré-escola como uma fase relevante para a construção de tais habilidades, tão importantes para o processo de alfabetização (literacia emergente).

Dessas afirmações emerge a necessidade do acesso à cultura letrada de todas as crianças, desde a mais tenra idade, garantindo a circulação de livros de literatura nos seus espaços de convivência, para que seu uso seja cotidiano, elaborado e condutor de novos olhares e descobertas.

As diversas temáticas presentes nos títulos voltados para essa faixa de idade fazem deles portadores de conhecimento, cultura e informação que, nas mãos das crianças e dos mediadores de leitura, podem enriquecer os momentos de interação com o livro. As narrativas ficcionais podem ter como inspiração os temas transversais e até mesmo introduzir em seu enredo situações que contenham ideias relacionadas, por exemplo, à numeracia, criando oportunidades para empreender trocas, fomentar diálogos, desvendar o que até então era desconhecido e provocar uma expansão que contribui para o desenvolvimento integral dos pequenos.

Rildo Cosson afirma que "todo texto literário tem uma mensagem mais ou menos explícita, tem um desenho de mundo a ser depreendido no momento da leitura, um saber sobre ou essa ou aquela área que não pode nem deve ser desprezado – trata-se do contexto da obra" (COSSON, 2010, p. 62). Reconhecer esses contextos e estabelecer vínculos com

o texto literário dá a ele o valor de agente transformador na vida das crianças, que se se abrem ao novo e ao mundo a partir do encantamento e da apropriação de novos entendimentos.

A intencionalidade do trabalho docente para desenvolver ações e projetos inovadores com o rico material impresso que agora chega às unidades escolares de educação infantil é objeto deste Manual. Que a sociedade de leitores que almejamos esteja cada vez mais perto de se tornar realidade.

Mas antes de seguirmos adiante, faz-se urgente lembrar que, em todas as práticas apresentadas neste Manual, devem ser acolhidas as crianças portadoras de necessidades especiais. É preciso atender às diferenças de cada criança e criar condições para implantar a educação inclusiva com estratégias que permitam a todos(as) experienciar as vivências e atividades lúdicas aqui propostas.

Como e onde ler para as crianças pequenas

Com a chegada dos livros do PNLD LITERÁRIO, as creches e pré-escolas podem formar ou ampliar seu acervo. Tendo disponível uma diversidade de títulos, podemos então iniciar uma conversa sobre as melhores estratégias para aproximar as crianças dos livros.

Primeiramente é importante definir um espaço para acomodá-los e formar a biblioteca da sala ou o cantinho de leitura da sala de recursos.

Várias soluções criativas podem ser usadas para acondicioná-los. O(A) professor(a) pode criar porta-livros que atendam às características do seu espaço, como bolsões de tecido presos às paredes, caixas de papelão, de plástico, de madeira ou *pallets* decorados, cestos, malas, baús, um varal com os livros suspensos, presos com pregadores de roupa, ou mesmo estantes de madeira com nichos desenhadas exclusivamente para a função.

Se possível, as capas deverão ficar visíveis, e o local onde os livros serão guardados precisa estar na altura adequada para que as crianças possam alcançá-los.

O(A) professor(a) pode também ser criativo(a) na hora de decorar o "cantinho dos livros" com alguma cobertura para o chão, como tapetes, almofadas, colchonetes e outros itens, para que os(as) leitores(as) sintam-se confortáveis ao ler e ouvir histórias.

Os livros devem fazer parte do cotidiano das crianças, e a interação entre eles deve ser frequente, para que leiam como lhes convém. É bom saber que os pequenos podem querer colocá-los na boca, carregar debaixo do braço, sentar em cima, colocar na cabeça, abraçar. Trata-se de um contato muito importante para que o livro se incorpore na sua vida e ganhe sua atenção. Quando já puderem entender, o(a) professor(a) pode começar a falar sobre a importância do zelo com o material, sem no entanto ser repressivo ou punitivo. O cuidado com o acervo deve ser de todos e é bom convidar os pequenos para organizar o espaço, porém sem muito rigor. Talvez um livro queira passar um tempo em companhia das bonecas e dos carrinhos e isso deve ser permitido.

Quando já conhecerem o espaço destinado aos livros e estiverem acostumados a manuseá-los, então já se podem criar momentos de leitura, em encontros diários ou programados regularmente na rotina da turma.

Para que se crie esse vínculo consistente é importante destacar que o(a) professor(a) deve também se apaixonar pelo livro e estar aberto(a) a descobertas e a todas as nuanças e surpresas que a leitura pode trazer. É necessário que eduque seu olhar para ver e ler nas entrelinhas e, assim, aproxime-se das reações dos(das) pequenos(as) leitores(as), que se surpreendem sempre com as descobertas que fazem com suas leituras. O(A) educador(a) se sensibiliza e escuta o que a criança tem a dizer, mostrando também suas impressões. Dali nasce um diálogo que leva a múltiplas interpretações do texto imagético ou em palavras, transcendendo o que está impresso.

O(A) professor(a) mediador(a) desempenha melhor sua função quando se prepara para fazer a leitura. O desdobramento dessa ação se dará de forma efetiva quando imaginada para ser mais do que uma leitura literal das páginas. A interpretação do texto, quando bem elaborada, enche as histórias de cores, desvela sensações, surpreende e emociona.

Para bem fazer uma mediação na hora da leitura com as crianças é bom saber que:

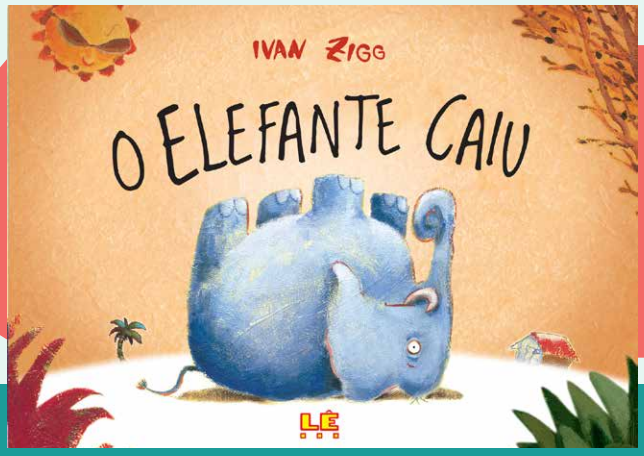
- uma leitura prévia ajuda a escolher os pontos mais interessantes da história, ou seja, aqueles que potencialmente serão observados pela criança, ou podem suscitar ricas interlocuções. Nessa preparação já se pode pensar nas vozes, entonação, gestos e expressões faciais para cada passagem ou personagem.

- A interação e o afeto atraem os(as) pequenos(as) para o livro e a história. A escritora Ninfa Parreiras afirma que a voz do adulto que lê funciona como um colo, um lugar de aconchego. Sendo assim, os momentos de contato com os livros devem ser afetuosos, para serem reconhecidos como prazerosos. A conversa deve ser franca, o contato, estreito, com proximidade, olhos nos olhos, sorriso nos lábios.

- As intervenções, por mais diversas que sejam, devem ser permitidas. Deixem que as crianças toquem, mudem as páginas, sintam as texturas. O olhar passa por caminhos completamente inusitados e elas podem querer mudar o final, inventar uma história dentro do enredo, demonstrar seu apreço, sua estima, ou seu desagrado e desconforto. Tudo isso deve ser acolhido, pois são respostas espontâneas ao estímulo gerado pelo contato com a multiplicidade de informações contida num livro.

A construção do encontro com a leitura literária vai se consolidando durante a trajetória das crianças na pré-escola. Todas as oportunidades de leitura devem ser bem aproveitadas, inclusive em casa. Seria então importante franquear os livros para as famílias. Pode ser em encontros na escola, quando os(as) responsáveis são convidados(as) a conhecer o acervo da sala. Algum pai, mãe ou cuidador pode preparar uma leitura para ser feita para a turma, e quem sabe a escola para se organiza realizar empréstimos, e assim os livros podem fazer uma visita às casas das crianças? Elas poderão repassar à família o que conhecem e falar de suas impressões sobre aquela história, tantas vezes lidas e já guardadas de cor.

As propostas contidas neste Manual têm como objetivo apoiar e potencializar o trabalho já realizado pelos(as) educadores(as). Certamente outras ideias surgirão, e as práticas escolares de leitura poderão ser condensadas em um banco de atividades colaborativo e também compartilhado em fóruns de formação continuada.



Conhecendo a obra

TEXTO EM CAIXA ALTA

Categoria pré-escola: a obra é indicada para as crianças de 4 e 5 anos. Apresenta texto simples e envolvente que estimula a imaginação, apresentando à criança uma leitura instigante e prazerosa, com ilustrações criativas e texto que contribui para a expansão de sua compreensão leitora.

Gênero: narrativo.

Temas: aventuras em contextos imaginários ou realistas, urbanos, rurais, locais, internacionais.

O Elefante caiu

Um dia, o Elefante caiu e não conseguiu mais se levantar. Seus companheiros e parentes tentam descobrir a melhor solução para ajudá-lo. Só que levantar um animal que pesa toneladas não é uma tarefa assim tão fácil. Ivan Zigg, de maneira divertida, conta todo o esforço de uma manada de elefantes para salvar o amigo. A cada um que chega, a história vai se enchendo de elementos cômicos e detalhes interessantes que reproduzem as sensações de todos os que estão se esforçando para dar fim a esse dilema. Mas não se espante ao descobrir que, no fim, a solução desse problema gigantesco não estava em ideias grandiosas. O enredo estimula a imaginação das crianças, diverte e abre caminhos para ativar o raciocínio ao inseri-los(as) nesse jogo para encontrar soluções criativas para situações inesperadas.

Conhecendo o autor e ilustrador

IVAN ZIGG

Ivan Zigg nasceu no Rio de Janeiro e tem a felicidade de morar no interior do Estado, no meio do vale, em cima da montanha e ao lado do rio. Considera que sua profissão é a de colecionador de imagens, que iniciou quando na infância ingressou na Escolinha de Artes Girassol. Nessa época, começou escrever e ilustrar as histórias que inventava, fabricando livrinhos que vendia para sua mãe. Sua produção é muito extensa. Já escreveu mais de 100 livros e foi agraciado com um Prêmio Jabuti. Quando questionado sobre o que gosta de fazer nas horas vagas revelou que não as conhece porque está sempre ocupando todos os momentos de seu dia com o que mais gosta de fazer: viver na natureza e fazer arte.

Literatura para os pequenos leitores

Na literatura infantil, as narrativas se processam com características distintas. Esperamos encontrar num livro destinado às crianças, além de histórias divertidas e ilustrações criativas, personagens que nos surpreendam.

Em O Elefante caiu, percebe-se, desde a capa do livro, que o protagonista é um animal. Representá-los nos enredos infantis é um recurso amplamente empregado pelos autores.

A antropomorfização vem sendo empregada, desde tempos remotos, em contos populares e orais, e se fixaram nas fábulas quando transferiram para os animais as mazelas dos seres humanos, com o objetivo de instruir e transmitir regras.

Apresentam-se, no entanto, outros usos desse recurso. Maria Alice Faria (1999) observa que existem vários tratamentos dados aos animais quando incorporados a materiais de leitura. Segundo ela, esses usos vão

> Desde abordagens científicas, informativas, passando pela narrativa realista onde o comportamento natural do bicho é preservado, até as mais diferentes formas de humanização, onde a fantasia é de regra. Além disso, o animal pode ser visto liricamente, caricaturado com humor ou como suporte de críticas variadas (FARIA, 1999, p. 34).

Descobrir no personagem animal os sentimentos humanos afasta-o do comportamento típico de sua espécie, podendo ele então se integrar ao mundo fantástico. Nossa existência pode ser experimentada nas peripécias vividas pelos personagens, que transitam entre a realidade e a ficção. Tudo isso apoiado no simbolismo que evoca atributos e os torna metáforas humanas.

Assim, quando surgem na literatura, podem dialogar com sentimentos e percepções. Os bichos menores remetem à doçura e ao afeto, enquanto a ferocidade dos predadores desperta medos internos ante a incompreensão do mundo externo que é cheio de armadilhas, códigos e comportamentos ainda não totalmente assimilados. Explorar essa empatia com seres fantásticos é o caminho para a aproximação com o pequeno leitor. Essa simulação da vida do humano carrega uma inventividade e uma liberdade que é capaz de transpor as barreiras do real, permitindo vivências imaginárias, que ocorrem além dos contornos impostos pela vida regida e organizada por convenções sócio e culturalmente instituídas.

Podemos então nos deparar com vestígios de nossos costumes, pois, em alguns momentos, os bichos se vestem como homens, mulheres e crianças, vivem um cotidiano como

o nosso, alimentam-se de nossas comidas e conversam em nossa língua. Em outros, estão em seu *habitat*, mas se organizam em grupos sociais parecidos com os nossos e se tornam ricos e poderosos ou pobres e desfavorecidos. Ou então se dividem ou se unem, competindo ou colaborando para transpor obstáculos, aliando-se a outras espécies segundo seus interesses e não obedecendo aos padrões que, na natureza, os tornam predadores ou presas, amigos ou inimigos.

O contexto é aceito pelo(a) leitor(a) que, mesmo diante do improvável, não se abala. Por mais paradoxal que seja, o entendimento se processa, e essa capacidade de observar o diverso é um exercício de alteridade que o(a) faz enxergar o outro da forma como ele é, podendo então criar uma relação de respeito para lidar com múltiplas subjetividades e singularidades.

As fábulas modernas se desprenderam do caráter instrutivo explícito. O que agora predominam são propostas de apresentar a ação e deixar que o(a) leitor(a) construa seu caminho de percepção. O humor diverte, as ilustrações desafiam, e as mensagens são acessadas em aproximações contínuas que se fazem de forma autônoma ou em leituras compartilhadas.

Nesses momentos, a criança adentra o mundo imaginado onde se desenrola a ação e logo se sente à vontade, seja voando em um avião, entrando na água, num barco ou circulando pelo deserto e pela floresta, mesmo sem nunca ter estado fisicamente em algum desses lugares. A ambientação é uma chave para inserir o(a) leitor(a) na atmosfera imaginária.

Essa construção mental da ambientação e dos personagens se dá de maneira diferenciada, quando é apoiada em uma ilustração. Diferentemente da "contação" oral, quando o(a) ouvinte compõe livremente o quadro que representa o enredo, o contato com o livro impresso concilia o texto com a imagem, por meio de figuras, símbolos e outros elementos constitutivos da ilustração. Essa fusão favorece o contato com o diferente quando transcende e cria uma história singular. O encontro com todos esses elementos soma-se às experiências prévias dos(as) leitores(as), que podem, assim, tecer novos cenários. A contemplação da narrativa imagética presente no livro infantil permite que se perceba a existência de uma diversidade nos modos de se expressar artisticamente.

O valor da obra está em sua capacidade de mobilizar o entendimento, de empregar diversas linguagens em sua concepção, de ativar sentimentos e sensações, de estimular o aprendizado para situações novas. Na ampliação do senso estético, adquirido na compreensão e apropriação do objeto artístico, o(a) leitor(a) é livre para questionar, criticar, opinar e tomar para si toda a amplitude do que experienciou.

Para a escritora Ligia Cademartori (2008, p. 87),

> Além da beleza das imagens, da irresistível atração provocada pela variedade de cores e pelas aventuras das formas, a ilustração permite à criança pequena acesso facilitado à história. Na representação, expõe aspectos do narrado que ajudam a esclarecê-lo. Ao mesmo tempo, incita-lhe a pensar analiticamente sobre o tema do livro e, sendo assim, exerce papel determinante na percepção e na produção de efeitos de sentidos implícitos, explícitos ou possíveis da literatura endereçada à criança. Possíveis, sim, porque as imagens, quando são ricas, deixam vazios e ambiguidades para o leitor resolver.

Cada leitor(a) vai percorrendo seu itinerário para perceber a obra, podendo se ater a detalhes que para ele(a) são importantes, agregando à sua contemplação diferentes perspectivas, planos, arranjos e organização da imagem, e, assim, ir entrando em contato com o belo e com o novo. Desse modo, vai criando critérios para entender o livro, que podem se modificar a cada visita ao texto, até que satisfaça seus desejos e encontre a próxima aventura que o(a) desafie.

Por isso a importância de manusear materiais de leitura que sejam livres de estereótipos e que revelem dinamismo na escolha das representações e de outros pontos de vista, provocando uma inter-relação com o texto imagético que seja estimulante e motivadora. O que o(a) leitor(a) já conhece foi recolhido da memória coletiva, visto em outras mídias e concebido como representação de ideias ou conceitos. No entanto a descoberta de novas concepções, aquelas que foram desveladas pelo trabalho sensível do ilustrador, conduz a uma permanente expansão das percepções e à aquisição de novas capacidades leitoras e de modos de interpretação.

As crianças da atualidade estão cada vez mais afeitas aos conteúdos multissemióticos, que mesclam imagens, signos, movimentos, sons e texto, que constantemente se intercalam e se complementam. Os desenhos animados e os jogos digitais estão presentes em uma grande parte de sua rotina, e é possível que as habilidades para decifrá-los sejam similares às utilizadas para se ler um livro literário, pois são, da mesma maneira, expressivos e dinâmicos.

Toda a convergência entre as mídias físicas e digitais, e essa interação com os mais diversos objetos portadores de linguagem e informação estão formando um novo perfil de leitores(as). É tarefa da escola estimular esse movimento para torná-los(as) críticos(as), competentes em decifrar e em se apropriar das mensagens contidas nos diversos meios disponíveis, em diferentes plataformas, entre elas o livro literário infantil.

Por dentro da história

A escolha dos animais para viver essa história apoia-se no simbolismo que carregam. O elefante encarna a sabedoria, a persistência, a longevidade e o companheirismo. Na natureza, vive por muitos anos, em grandes comunidades. Ao mesmo tempo, é lento no andar, pesado e pouco ágil. Já o rato, além de ser temível, representa a inteligência, a destreza, e sua habilidade é tamanha que pode se infiltrar nos lugares mais insólitos.

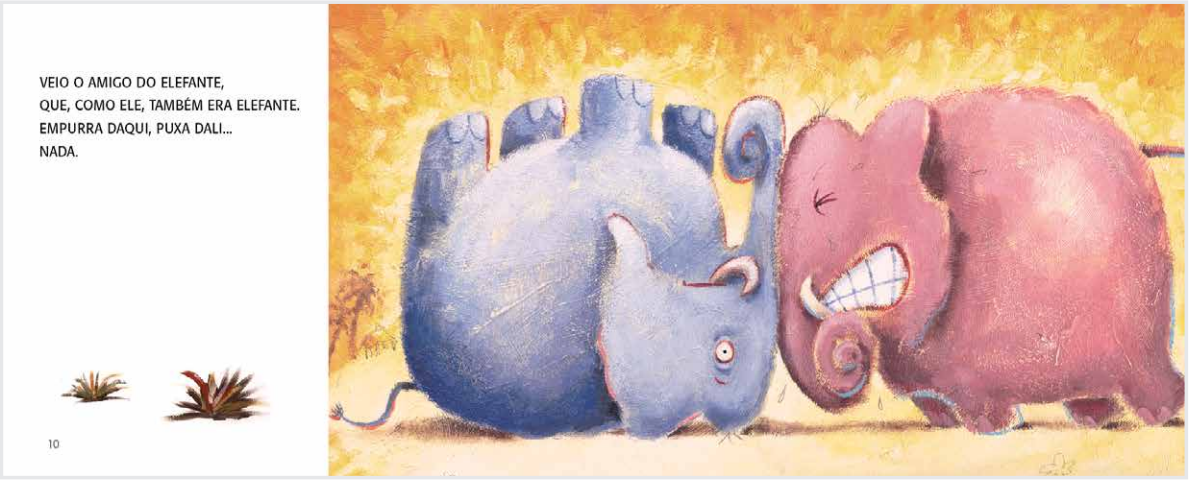
O Elefante caído, com as patas viradas para cima, está em uma situação que saiu do controle. Ele parece assustado e solitário. Conforme outros bichos da mesma espécie vão aparecendo, diversos sentimentos são incorporados à trama, como a preocupação, a dúvida e certo envolvimento afetivo, que faz com que todos se unam para tentar dar fim à aflição do amigo.

A primeira surpresa se dá quando os grandes, sábios e numerosos elefantes desistem de ajudar. Nessa estrutura fabular, isso é possível, pois os animais antropomorfizados carregam em si traços humanos que não são exatamente exemplares. Os personagens representam um mosaico de comportamentos que vão da benevolência e solidariedade à omissão e indiferença.

Toda essa ambiguidade, quando transposta para um enredo de fantasia, tem seu impacto diluído, tornando-se, de certa forma, aceitável, pois tais atos não são praticados por humanos. Esse aparente distanciamento da realidade é uma característica marcante dos livros infantis. Para processar o simbólico, os(as) leitores(as) transferem situações conflituosas para os personagens e, em seu imaginário, processa a correlação desse cenário com o mundo real.

Essa dicotomia entre o grande e o pequeno, a imobilidade e a agilidade, somada à subversão da regra geral que se espera do comportamento solidário entre parceiros são os elementos-chave usados para criar um desfecho surpreendente: o Elefante se assusta ao ver o Ratinho e, imediatamente, consegue se levantar.

A postura irreverente do Ratinho e seu sorriso de vitória colocam-no na posição de herói, tornando-o semelhante aos personagens dos contos de esperteza que, com sua astúcia e sagacidade, conseguem vencer grandes desafios. Ele é como o Pequeno Polegar, que ganha fortuna usando sua inteligência, ou o camundongo que salva o leão que caiu numa armadilha. Nesses enredos, típicos dos contos de fada, o fraco consegue vencer o forte, subvertendo a ordem imposta e dando ao desfavorecido a oportunidade de mostrar seu valor. A artimanha do pequeno salva o dia e, ao se depararem com essa cena, as crianças podem se identificar com o Ratinho que, mesmo diminuto, tem uma força que o torna capaz de virar o mundo de cabeça para baixo (ou de cabeça para cima, como neste caso). O ficcional e a fantasia fazem um novo arranjo para vencer um obstáculo até então intransponível.



A narrativa visual foi construída valendo-se de diversos recursos que, quando dispostos na página, apontam caminhos para o entendimento. Quando o olhar procura detalhes, consegue desvendar as soluções criativas usadas na representação do texto. Esse olhar também adentra o mundo mental do personagem e decifra os signos que mostram, nas expressões faciais e na postura corporal, os sentimentos que precisam ser explicitados. Aqui tudo está às claras, e o ilustrador não hesita em mostrar exatamente tudo o que os personagens sentem.

É importante observar a proposta do projeto gráfico que ultrapassa limites, ocupando parte da página à esquerda. Assim, o enfoque se concentra nas imagens, que contam mais da trama do que o texto, que propositalmente é reduzido. Quase que somente expondo as situações, o narrador conduz a ação. Quem preenche de detalhes a confusa situação do Elefante são as ilustrações, que entregam ao(à) leitor(a) muita coisa para ver, descobrir, brincar e entreter.

O livro não termina com a fuga do Elefante assustado. Existem ainda duas páginas contendo textos informativos. Primeiro, os(as) leitores(as) conhecem a biografia do autor que, de forma humorística, compara suas vivências com as características do Elefante. Há, inclusive, uma pergunta divertida, que deve, sim, ser respondida pelos(as) alunos(as). Em seguida, há uma pequena seleção de fatos interessantes sobre os elefantes. Essas curiosidades podem motivar os(as) alunos(as) a quererem conhecer ainda mais sobre os maiores animais terrestres do planeta.

Ter contato com diversos gêneros discursivos é enriquecedor, pois coloca o(a) leitor(a) diante de exemplos variados do uso da língua. São muitas as necessidades comunicativas, e cada tipo textual reflete as diferentes formas de disseminar uma informação ou transmitir uma mensagem.

As crianças da pré-escola certamente sentirão empatia pelos personagens e pelo enredo recheado de humor e de reviravoltas, que provoca surpresa, diverte e desafia.

CONTANDO ELEFANTES

Na leitura do livro, é possível constatar a existência de conceitos matemáticos que podem ser reconhecidos pelos(as) alunos(as) e apontados pelo(a) mediador(a), numa interlocução orientada para a expansão de suas capacidades. O campo de experiência *Espaços, quantidades, relações e transformações,* da BNCC, considera que a educação infantil precisa promover experiências ricas em oportunidades para observação, investigação e exploração de novos saberes.

Da mesma maneira, está presente nos princípios e objetivos do decreto que institui a Política Nacional de Alfabetização (PNA) a indicação de que a **numeracia** esteja integrada com as práticas pedagógicas de linguagem e **literacia**.

Já no início da história, o(a) leitor(a) é convocado(a) a se atentar para o número de elefantes que vêm chegando, pois a contagem dos animais terá uma conexão direta com o desenrolar dos acontecimentos. Esse desafio inicial pode provocar o interesse e instaurar processos de construção do sentido, que serão guiados pela análise do conteúdo e pela atenção aos detalhes. Para entender o contexto, será preciso levantar hipóteses, ponderar sobre a situação e refletir sobre o impasse que se apresenta.

Na sequência, as situações que vão surgindo num crescente e criam a expectativa de que mais personagens apareçam. Logo já serão dez elefantes, e será preciso estabelecer critérios para empreender a leitura imagética, pois, a cada um que chega, a página vai se enchendo com traços que se conectam e se confundem, tornando desafiante distinguir seus contornos. A contagem vai se dar pelo reconhecimento dos detalhes presentes no emaranhado que se formou, e será preciso reparar na diferença das cores e localizar partes do corpo do Elefante.

A pesquisadora Kátia Smole (2000, p. 22) afirma:

> Ao utilizar livros infantis, os professores podem provocar pensamentos matemáticos através de questionamentos ao longo da leitura, ao mesmo tempo em que a criança se envolve com a história. Assim, a literatura pode ser usada como um estímulo para ouvir, ler, pensar e escrever sobre matemática.

As desventuras do protagonista colocam em evidência noções como quantidade, relação espacial, medidas e grandezas, contagem oral, pensamento lógico, ideias aditivas e subtrativas, entre outros.

Essas iniciativas preliminares de instrumentalizar o(a) aluno(a) para interagir com o pensamento matemático impulsionam a aquisição de habilidades que o(a) tornam apto(a) a compreender diversas linguagens, contidas em materiais escolares e presentes em outras situações de sua vida.

O Elefante caiu utiliza elementos marcantes da literatura destinada às crianças e aponta caminhos inovadores de aproximação com o livro literário. A mediação atenta do(a) professor(a) pode trazer luz a todos os múltiplos recursos presentes no livro. Exercitar as percepções e ampliar conhecimentos é proporcionado pelo constante contato com livros literários que devem sempre estar disponíveis para fazer parte do cotidiano do(a) aluno(a) na sala de aula da educação infantil.

Para saber mais

O HUMOR NA LITERATURA INFANTIL

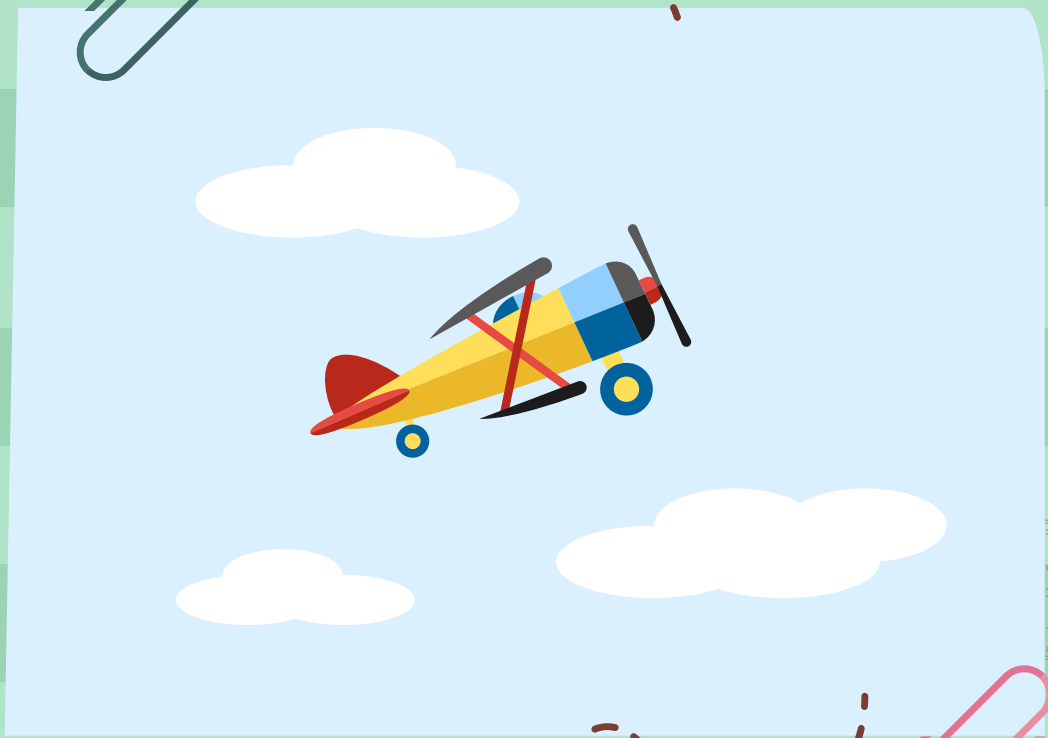
O uso do humor e de elementos-surpresa são frequentes nas histórias para as crianças, e Ivan Zigg escolhe esse caminho para dialogar. Usando as linguagens verbal e imagética, aproxima-se dos leitores e é como se estivesse contando a eles uma anedota. Essa conversa imaginada une os dois lados desse processo comunicativo e proporciona um momento de divertimento e deleite, transformando-os em parceiros na brincadeira.

As formas aumentadas e caricatas das figuras conduzem ao exagero que causa riso, quando nos deparamos com olhos arregalados, faces amassadas e sorrisos entre dentes. Assim como são cômicas as inusitadas cenas em que os bichos aparecem concentrados usando óculos e lendo livros ou se regalando com um saboroso banquete.

A pedagoga e escritora Fanny Abramovich (1989) aponta, em seus textos, que o humor surge de várias formas na literatura infantil. Pode ser por meio de uma ideia engraçada, quando o tédio e o aborrecimento são ironizados, nas atitudes de um personagem que mostra mau humor ou irritação, por trás de queixas e lamentações, ao mostrar as ambiguidades nas atitudes dos adultos, as inconsistências das regras sociais, ou ainda por meio da inserção de momentos de suspense ou susto.

Somando uma dose de *nonsense* e outra de criatividade, os autores estão sempre empregando esses e outros recursos para direcionar o texto para o humor e para a diversão.

As histórias que apresentam a comicidade como elemento da construção do texto são altamente atrativas, aumentam a capacidade de percepção e fazem os(as) leitores(as) sentirem-se mais relaxados(as) e mais abertos(as) à recepção das mensagens.



Parte 2

A HORA DA LEITURA

Antes da Leitura

O(a) professor(a) pode convidar as crianças para a atividade e motivá-las com músicas e parlendas que conduzam sua atenção para o livro e para a história.

Era uma casa amarela / que tinha uma janela
E, na janela, um quarto / Dentro do quarto, uma cama
Debaixo da cama, uma mala / Dentro da mala, um livro
Dentro do livro, uma história / Que eu vou contar pra vocês!

Eu vou de viagem neste trem / o trem da imaginação
Se você gosta de ouvir histórias / é só entrar no trem.

O(a) professor(a) pode também criar paródias com melodias conhecidas, como *Pirulito que bate, bate* ou *Ciranda, cirandinha.*

Lendo Junto

A leitura inicia-se na observação dos elementos contidos na capa do livro. Apresentar o nome do autor e ler o título, que já dá a resposta para o fato de o Elefante estar deitado com as patas viradas para cima. O mesmo acontece na contracapa, que traz um close das patas numa posição invertida. É interessante questionar se todos(as) entenderam essa ilustração e se conseguem, com base em uma parte, entender o todo que não aparece. O(a) mediador(a) pode então brincar com a ilustração, colocando o livro de cabeça para baixo ou pedindo às crianças que virem a cabeça para tentar ver melhor o que está acontecendo.

Essas diferentes perspectivas das imagens vão aparecer em outras partes do livro, como nas páginas 20, 21, 22 e 23, nas quais o Elefante caído está sendo puxado, amassado e esmagado, e temos a visão de um recorte da cena, evidenciando todo o incômodo que ele está sentindo.

O esforço dos companheiros para tentar empurrar, puxar, rolar e levantar o Elefante caído pode ser demonstrado com exagero na hora da leitura, repetindo as expressões faciais empregadas nas ilustrações e inventando interjeições e onomatopeias que simulem o grande esforço que estão fazendo. Podem também ser usadas inflexões na voz, tornando-a chorosa, quando vemos caindo uma lágrima do olho do Elefante abandonado, ou estridente, como numa exclamação de surpresa, quando o vemos sair correndo.

Na página 12, o autor conversa com o(a) leitor(a) e o(a) convida a, junto com ele, contar os elefantes que aparecem na página. Apontando os bichos, o(a) mediador(a) e as crianças podem conferir se a quantidade é igual à que está descrita no texto: "Um, dois, três, quatro, cinco elefantes que vêm chegando. Mais o que está caído, quantos temos? Um, dois, três, quatro, cinco, seis elefantes!".

Mais à frente, pode ser preciso criar modos de distinguir os personagens. Há muitos elefantes aglomerados, tentando achar a solução para o problema ou reunidos para comer. Esses também podem ser enumerados pelos(as) leitores(as) atentos(as), e o(a) professor(a) pode questionar como conseguiram identificar os bichos e pedir que apontem onde encontraram trombas, olhos, orelhas e outros detalhes.

Na cena final, não há um texto condutor, e a ausência do narrador é uma alternativa usada pelo autor, que aqui preferiu mostrar a cena e provocar a capacidade interpretativa do leitor. Vemos apenas o Ratinho esperto e o Elefante assustado, que finalmente conseguiu levantar-se. Para chegar a esse momento, o(a) mediador(a) pode, desde a página anterior, começar a traçar hipóteses e gerar expectativas sobre o desfecho. Quando apresentar o fim da história, ele(a) deve primeiramente escutar o que os(as) alunos(as) têm a dizer, pois estes(as) precisam inferir de onde veio a solução para o problema. Todos(as) podem se expressar livremente, iniciando uma conversa em que revelem o que sentem sobre a reviravolta que aconteceu.

Ao encerrar a leitura da história, o(a) professor(a) pode apresentar as duas páginas finais, com a biografia do autor e informações sobre os elefantes: "A gente agora vai conhecer um pouco mais sobre o autor dessa história. Lembram-se do nome dele, que vimos na capa do livro? Vamos ler o que está escrito sobre ele". "Esta última página traz muitas informações interessantes sobre nosso amigo Elefante. Quem quer conhecer mais sobre os elefantes?"

Por fim, no verso da contracapa e da capa, estão desenhados muitos elefantes, que também podem servir para uma brincadeira de enumerar todos eles, até o número que as crianças conseguem contar e além.

Para Terminar a História

Era uma casa amarela / que tinha uma janela
E na janela, um quarto / Dentro do quarto, uma cama
Debaixo da cama, uma mala / Dentro da mala, um livro
Dentro do livro, uma história / Que eu já contei pra vocês!

Entrou por uma porta e saiu por outra. Quem quiser que conte outra.
Entrou por uma porta e saiu por outra. Peça ao rei que conte outra.
E agora minha gente / nossa história acabou
Bata palmas bem contente / bata palmas se gostou!

(Paródia da canção *Ciranda, cirandinha*)

A leitura mediada do livro O Elefante caiu contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.

Fonte: BRASIL, 2016.

Parte 3

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Sugestão de um planejamento para explorar as temáticas do livro O Elefante caiu

Tema: CONCEITOS MATEMÁTICOS

A partir da leitura do livro O Elefante caiu, sugerimos este planejamento com diversas atividades que apresentam situações nas quais é possível experimentar o pensamento matemático.

Os pesquisadores Pamela Leonardo, Roger Miarka e Tatiana Menestrina (2014, p. 57) apontam que "pensar matematicamente sobre um episódio ou um problema inclui a habilidade de unir, separar, subtrair, corresponder, deparando-se deste modo com as propriedades dos objetos (cor, tamanho, forma, etc.)". Por atividades interativas, a criança pode construir conhecimentos matemáticos, ampliando as capacidades perceptivas e motoras necessárias para seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, as atividades apresentam os seguintes objetivos:

- promover a aproximação com o sistema de numeração;
- criar habilidades para a resolução de problemas, mediante a contagem e o conhecimento dos números;
- conhecer a função social dos números;
- desenvolver o pensamento lógico para a ideia aditiva e a ideia subtrativa;
- observar e comparar medidas e grandezas;
- construir e ampliar sentidos para as noções de medidas (tamanho, peso, volume).

Atividade 1

As crianças podem brincar de contar, aproveitando a experiência que tiveram com as desventuras do protagonista da história. As canções *Um elefante se balançava* e a conhecida *Um elefante incomoda muita gente* auxiliam na tarefa de recitar oralmente a sequência numérica. O(a) professor(a) pode procurar gravações ou vídeos para ensinar as canções.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03ET05); (EI03ET07).

Vídeo de *Um elefante se balançava* – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cNgpG-7NEP8&ab_channel=ToobysPortugues>. Acesso em: 1º out. 2020.

Vídeo de *Um elefante incomoda muita gente* – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CtJBnNSreBs&list=RDCtJBnNSreBs&start_radio=1&ab_channel=V%C3%ADdeosDiversosdaTV>. Acesso em: 1º out. 2020.

Confeccionar cartazes com grandes números de 1 a 10 impressos, que depois serão afixados, em sequência, na parede da sala. Em cada um deles, as crianças, com a ajuda do(a) professor(a), deverão afixar figuras de elefantes (ou de ratinhos) correspondentes ao número. Quando completarem a tarefa, poderão observar os cartazes, contar junto, apontando a quantidade de figuras em cada um, e conversar sobre as quantidades, os números e suas representações.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03ET05); (EI03ET07).

Atividade 2

Esta é uma variação da brincadeira de amarelinha. Procure um local na escola onde é possível riscar um caracol no chão, que deve ser dividido em dez partes. Cada quadrado deve ser numerado, e o(a) professor(a) vai contando junto com as crianças, enquanto escreve os números. O centro será chamado de “céu”.

Jogar uma pedrinha no campo de número 1 e pular, com um pé só, sobre ele, alcançando o campo número 2. Continuar pulando até chegar no “céu” e, na volta, recolher a pedrinha.

Repetir a mesma coisa, jogando a pedrinha em todos os números do caracol. Não é permitido pular no campo onde está a pedrinha.

Definir regras para que todos consigam participar sem que o jogo fique demorado demais e se torne desinteressante.

Depois da brincadeira, os(as) alunos(as) farão, numa folha em branco, a representação visual do caracol com os dez campos, e o(a) professor(a) poderá auxiliar na escrita dos números.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03ET05); (EI03ET07); (EI03CG02).

Atividade 3

Nessa atividade, serão trabalhados conceitos a serem construídos por meio de comparações simples. Para entender as ideias de "pesado e leve", o(a) professor(a) apresenta objetos com diferentes pesos. Por exemplo: balão, peso de porta, pena, garrafinha *pet* cheia de água, pedra, copo de plástico, entre outros. Ao manusear cada objeto, as crianças poderão classificá-los, de acordo com sua percepção. Depois elas poderão fechar os olhos e, quando o objeto for colocado em sua mão, dizer se ele é pesado ou leve.

Para observar esses conceitos, pode-se criar um artefato que mostre, de maneira comparativa, o peso dos objetos. Amarrar um barbante em cada ponta inferior de um cabide. Na ponta de cada barbante, amarrar um objeto pesado (vidro de cola cheio) e outro leve (uma caneta). Colocá-lo em cima de uma mesa e levantar hipóteses sobre o peso de cada um. Quando for içado, o objeto mais pesado vai pender em direção ao chão, e o mais leve ficará suspenso acima dele. Observar se todos entenderam como identificar qual deles é mais pesado ou mais leve.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03EO03); (EI03EO04); (EI03ET01); (EI03ET05).

Para começar a pensar sobre os conceitos "grande e pequeno", assistir juntos ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hJA5zROxsDo&ab_channel=EurekaM%C3%ADdia>. Acesso em: 15 out. 2020.

Buscar objetos similares, de tamanhos diferentes, para fazer comparações. Por exemplo: bonecas, carrinhos ou bolas. Em uma roda de conversa, debater sobre o assunto. Em seguida, assistir e cantar juntos estas canções que demonstram os conceitos que estão sendo aprendidos:

Grande e pequeno. *Gugu DadaTV*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MYY_JgfT5uo&ab_channel=GuguDadaTV>. Acesso em: 15 out. 2020.

Bichinho. *Palavra Cantada Oficial*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AaowQaZTS-c&ab_channel=PalavraCantadaOficial>. Acesso em: 15 out. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03EO04); (EI03ET01); (EI03ET05); (EI03ET08).

Na conversa durante as atividades, deve-se sempre retornar ao livro, para que todos(as) conversem sobre o peso e o tamanho dos diferentes personagens da história e façam suas análises sobre o que vai sendo visto e aprendido.

Avaliação

O(a) professor(a) poderá usar o instrumento de avaliação que melhor se encaixe no objetivo de registar o envolvimento e a participação, por meio de anotações e do diálogo com as crianças, para o relato de sua experiência com essas atividades.

Este planejamento contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil*:

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.

(EI03ET08) Expressar medidas (peso, altura, etc.), construindo gráficos básicos.

Fonte: BRASIL, 2016.

Reconto, leitura e escrita

Pedir para que um grupo de alunos assuma o lugar de leitor(a) e conte a história do Elefante para os colegas, usando o livro como suporte e elaborando, à sua maneira, uma forma interessante de fazer o reconto.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EF04); (EI03EF07).

Inspirado nas informações complementares do livro, elaborar atividades nas quais as crianças possam se expressar. Elas podem criar suas biografias, falando de suas características e de seus gostos. O(a) professor(a) atuará como escriba, anotando as falas, e, para ilustrar a atividade, podem ser feitos autorretratos. O resultado será afixado no mural da sala e depois enviado às famílias.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO04); (EI03EF01); (EI03EF05); (EI03EF06); (EI03EF07).

Fazer cópias das informações sobre os elefantes presentes na última página do livro e afixá-las no mural da sala, que pode ser ilustrado com desenhos feitos com base no formato das mãos.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EF05); (EI03TS02); (EI03EF07).

Veja os elefantes feitos com o formato das mãos. Disponível em: <http://mauriquices.blogspot.com/2016/07/um-elefante-incomoda-muita-gente.html?m=1>. Acesso em: 16 out. 2020.

Apresentar às crianças o poema *O elefantinho*, de Vinicius de Moraes:

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?
Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho!

Elas podem recitar junto com o(a) professor(a), até que fique de cor. É possível fazer uma releitura dos versos e, ao fim, substituir a palavra passarinho por ratinho, fazendo referência ao livro que leram. Quando estiver bem ensaiado, apresentar o poema a outras salas e aos familiares, em momentos culturais coletivos organizados pela escola.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EF04); (EI03EF07).

As atividades de reconto, leitura e escrita contemplam os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil*:

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

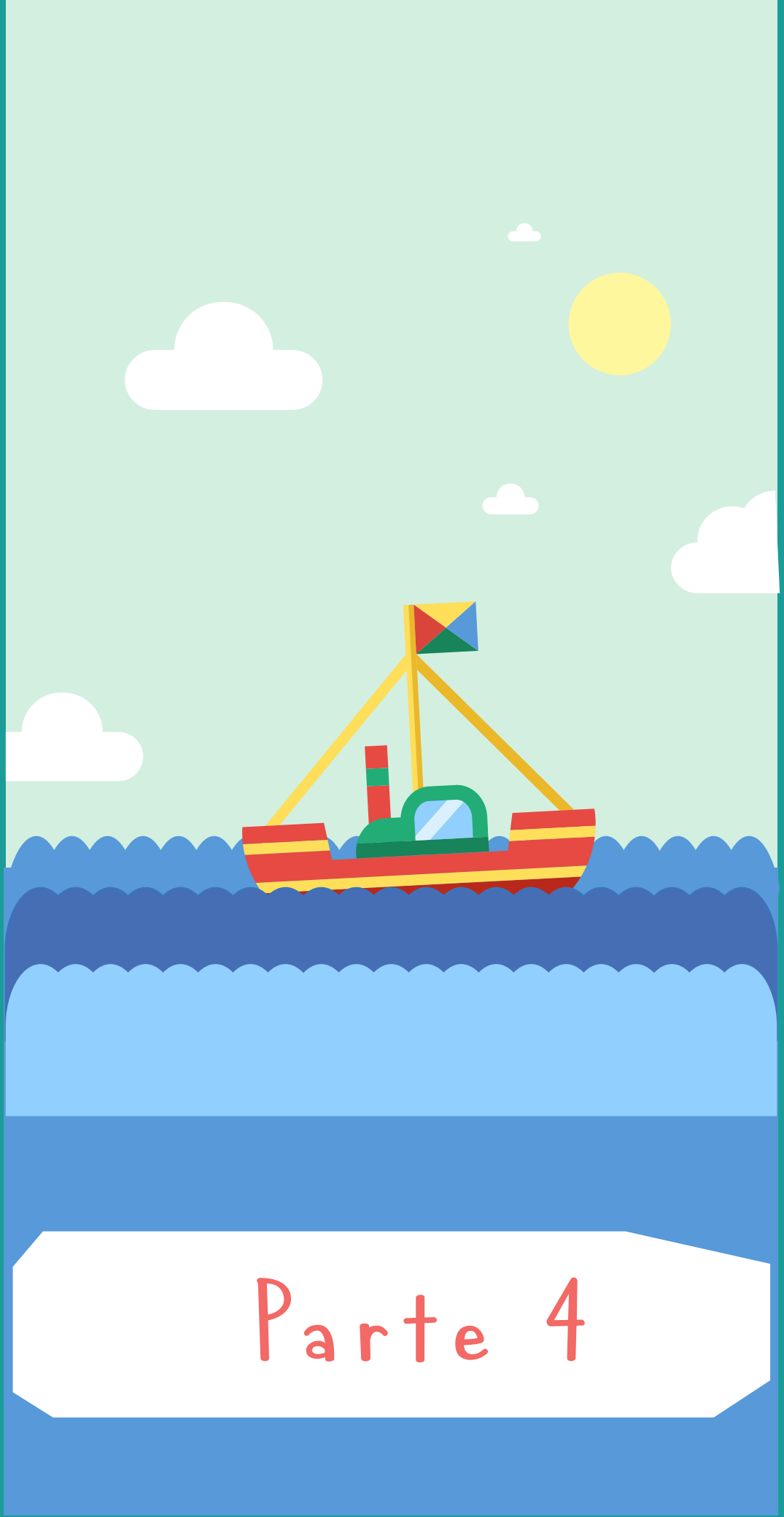
(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

Fonte: BRASIL, 2016.



Parte 4

JOGOS E BRINCADEIRAS*

O elefantinho e o ratinho

Com as crianças de pé e em roda, escolher a que será o Elefantinho e ficará posicionada no centro. Outra criança representará o Ratinho, que ficará correndo do lado de fora, tentando furar o bloqueio feito pelos colegas, que estarão juntos e de mãos dadas. Quando conseguir entrar na roda, acaba a brincadeira, e outras crianças poderão ser escolhidas para serem os personagens.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG02).

Mímica

Inspirando-se nas expressões faciais dos elefantes da história, confeccionar cartas nas quais estarão escritas e desenhadas muitas carinhas demonstrando sentimentos. Por exemplo: tristeza, raiva, alegria, espanto, curiosidade, nojo, sono. A cada carta lida pelo(a) professor(a), reproduzir as expressões e conversar sobre os diversos tipos de sentimentos.

Como desdobramento, o(a) professor(a), ou um(a) colega orientado por ele(a), não mostra as cartas e faz as "caretas", para que as demais crianças imitem e digam qual é.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG02); (EI03CG03).

Morto/vivo

Relembrando o Elefante caído da história, o(a) professor(a) pode propor a conhecida brincadeira "morto/vivo". A regra é: quando o(a) líder disser a palavra "morto", todos(as) se agacham ou assentam no chão; e quando a palavra for "vivo", todos(as) rapidamente ficam de pé.

* Se na turma houver crianças com necessidades especiais, adaptar as atividades para inclui-las nas brincadeiras.

O(a) professor(a) pode acelerar na hora de dar os comandos, para que a brincadeira fique bem dinâmica. Se avaliar que as crianças conseguem entender, variar a ordem das palavras, observando se elas conseguem responder quando a sequência for “morto, morto, vivo, vivo”, ou algo similar.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG02); (EI03CG03).

Jogo da memória

Confeccionar pares de cartas com desenhos de elefantes (ou de ratinhos). As figuras deverão ter diversos tamanhos e cores.

As cartas deverão ser espalhadas sobre uma mesa, com o desenho virado para baixo, e o(a) professor(a) explica as regras do jogo. A cada carta virada, todos(as) deverão nomear as características do desenho. Por exemplo: “Nesta carta, está um elefante grande e azul. Vamos procurar outro que seja do mesmo jeito”. “Nesta outra carta, temos um elefante pequeno e amarelo. Precisamos achar o seu par.” Todos deverão se empenhar para encontrar as cartas iguais.

Uma versão desse jogo pode ser reproduzida e enviada para casa, para que a criança brinque com os familiares.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03ET01).

Os jogos e brincadeiras contemplam os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

Fonte: BRASIL, 2016.

CANÇÕES E VÍDEOS

Mais canções, mais vídeos e mais trabalhos manuais.

Canção

A canção *Mariana conta um* também trata da sequência numérica e é desafiante para as crianças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uurd_hnubyA&ab_channel=BobZoom>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG01); (EI03ET07).

Vídeos

Pocoyo e os números, para contar até dez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p05PaGx4m3Q>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03ET01); (EI03ET05); (EI03ET07).

Nesse vídeo, Pocoyo e seus amigos brincam com conceitos de grande e pequeno. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqyVx-ePuLA&ab_channel=POCOYOemPORTUGU%C3%8ASBRASIL-CanalOficial>. Acesso em: 4 nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03ET01); (EI03ET05).

Trabalhos manuais

Aprenda a fazer um elefante divertido e brinque com sua tromba que, na verdade, é uma língua de sogra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KEgToTjMw50&ab_channel=JulianaFernandes>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Aprenda a fazer uma máscara de elefante. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/y66XT1R6t7zj2coz8>. Acesso em: 4 nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG02); (EI03CG05); (EI03TS02).

As canções, vídeos e trabalhos manuais aqui sugeridos contemplam os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil*:

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.

Fonte: BRASIL, 2016.

"Designed by Freepik"

Parte 5

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil:* gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

Fanny Abramovich partilha experiências de leitura e dialoga com o mediador de leitura. Nessa publicação, a autora convida à reflexão sobre a importância do educador e da família na tarefa de abrir para os pequenos leitores o universo do livro e da literatura. Para ela, os textos voltados para a infância são plenos de significados e, assim, ler é muito mais do que um mera decodificação de signos. O caminho para a formação de leitores passa pelo contato com os livros, sob a ótica da arte, da diversão e da apreciação.

BRASIL. Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. *Diário Oficial da União*, Brasília, ed. 70-A, seção 1 - Extra, p. 15, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431>. Acesso em: 1º set. 2020.

Publicação oficial do governo federal que institui a Política Nacional de Alfabetização (PNA). O decreto tem como finalidade "implementar programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal".

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Documento normativo que regulamenta as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, constituindo-se atualmente como referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação infantil.

CADEMARTORI, Ligia. Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil. *In:* PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). *Literatura infantil*: políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 79-90.

Nesse artigo, a professora Ligia Cademartori reflete sobre as narrativas visuais e sobre a evolução das representações dos textos em imagens ao longo dos séculos. Apresentando os critérios usados para a avaliação das imagens nos livros selecionados no PNBE 2008, conduz uma reflexão acerca da importância de analisar as funções estética, lúdica, a criatividade, o estilo e a qualidade das imagens que acompanham o texto nos livros infantis.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

Nesse texto, Antônio Cândido apresenta a literatura como fator de equilíbrio psíquico e social, argumentando sobre a necessidade de ela ser reconhecida como direito de qualquer pessoa, devendo, portanto, ser garantida a todos(as).

COSSON, Rildo. Letramento literário e práticas estratégicas de leitura na primeira infância. *Nuances: estudos sobre Educação,* Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 207-225, set./dez. 2015.

O professor Rildo Cosson elabora esse artigo tendo como foco o trabalho docente e sugere práticas de leitura e letramento a serem aplicadas em ambientes escolares da educação infantil. Em seu entendimento, a formação de crianças leitoras se dá desde a primeira infância, e a literatura infantil é um instrumento legítimo para que as crianças possam adentrar no mundo letrado.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. *In:* PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). *Literatura*: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 55-69. (Coleção Explorando o Ensino, 20).

Nesse capítulo do livro Literatura, da Coleção Explorando o Ensino, o autor trata da relação entre a educação e a arte da palavra. Assim, partindo da afirmação de que as leituras em sala de aula se realizam de forma descontextualizada, propõe que esse ensino se torne uma prática significativa, uma vez que o exercício da leitura é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para a formação do ser humano.

FARIA, Maria Alice. A representação dos animais na literatura infantil: realismo e fantasia, humor e estilização. *Instrumento Crítico*, Vilhena, n. 2, p. 33-47, nov. 1999. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/instrumentocritico/article/view/3766>. Acesso em: 1º out. 2020.

Esse artigo analisa a presença dos animais nos livros infantis e o processo de antropomorfização que se processa quando há a utilização animais como personagens portadores de atitudes e sentimentos humanos. Para a autora, além de agradar as crianças, "O animal antropomorfizado permite a representação de uma humanidade abstrata, abordando emoções e ações fundamentais". Assim, seu uso é abundante nas narrativas, especialmente as endereçadas a esse público-alvo.

LEONARDO, Pamela Paola; MIARKA, Roger; MENESTRINA, Tatiana Comiotto. A importância do ensino da matemática na educação infantil. *In:* SIMPÓSIO EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM DEBATE, 1, 2014, Joinville. *Anais*... Joinville: UDESC, 2014.

Esse artigo discute sobre o ensino da matemática nas classes da educação infantil. Os autores afirmam que a matemática é de importância fundamental para o desenvolvimento integral das capacidades e habilidades do ser humano. Seu aprendizado deve estar presente em todas as etapas de ensino, e o pensamento matemático deve ser estimulado sobretudo em ações concretas, por meio da observação, da exploração e da experimentação.

PARREIRAS, Ninfa. Colo: o lugar do livro e da literatura na infância. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, ed. esp., p. 299-312, fev. 2015.

A autora traz interessantes considerações sobre o papel do afeto e da proximidade na relação das crianças bem pequenas com os livros e histórias. Leituras, acalantos, parlendas, canções e até sons diferentes e aparentemente sem sentido criam e reforçam os laços das crianças com os adultos. Ao longo do artigo, são apresentadas estratégias que possibilitam essa aproximação, todas elas centradas na riqueza das interações que se processam quando a criança se aconchega na segurança do colo de quem lhe descortina o mundo da linguagem, da imaginação e da fantasia.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária*: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

A experiência da escritora colombiana Yolanda Reyes com a Oficina Espantapájaros em Bogotá é detalhada nesse livro. A criança é reconhecida como leitora desde o ventre da mãe. Com relatos reais e exemplos práticos, a autora convoca pais, bibliotecários e mediadores a começar, desde cedo, a formar leitores, promovendo encontros lúdicos e prazerosos da criança com o livro.

SMOLE, Kátia C. S.; CÂNDIDO, Patrícia T.; STANCANELLI, Renata. *Matemática e literatura infantil.* Belo Horizonte: Lê, 1999.

As autoras apresentam, nesse livro, a rica relação existente entre a literatura e a matemática. Nesse processo, é possível desenvolver o uso social e cultural da matemática e aproximá-la de outras disciplinas, estabelecendo, assim, conexões que podem ocorrer por meio do contato com os enredos ficcionais voltados para o leitor infantil.

SUGESTÕES DE LEITURA

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e escrever.* São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

Nesse compilado de cinco conferências, a bibliotecária colombiana Silvia Castrillón discorre sobre o papel do bibliotecário e de outros mediadores de leitura, apontando a importância das bibliotecas e reforçando a necessidade de criação de políticas públicas para a formação de leitores, desde a infância.

CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA. Faculdade de Educação da UFMG. *Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Ceale; Faculdade de Educação da UFMG, s.d. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 1º jul. 2020.

Publicação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação da UFMG. Tem como objetivo subsidiar os educadores, especialmente os alfabetizadores, com conceitos das temáticas de alfabetização, leitura e escrita. É organizado no formato de verbetes, cada um deles escrito por um especialista da área. Sua consulta pode servir como um entendimento preliminar para termos e conceitos usados em publicações, na formação e na prática de docentes.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

A educadora espanhola Teresa Colomer apresenta, nesse volume, diversas ferramentas para auxiliar os docentes em seus projetos de promoção de leitura. São tratados temas como a qualidade dos livros infantis, o uso da literatura na sala de aula e a formação do leitor, desde os primeiros anos escolares. Nas palavras da autora, andar entre livros é a condição essencial da educação literária das novas gerações.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

As autoras apresentam, nesse livro, a relação entre a linguística textual e o ensino da leitura. Afirmando que a leitura é uma atividade de produzir sentidos, convidam para o aprofundamento nos signos presentes em diversos gêneros textuais e analisam como se processa o entendimento que é feito por meio da apreensão de noções como contexto, referenciação, intertextualidade, sequenciação e outros elementos constitutivos do texto.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Apresentando os grandes clássicos da literatura, Ana Maria Machado convida os leitores de todas as idades a também se encantarem com essas narrativas universais. Para ela, um leitor que conhece boas histórias desde cedo, mais tarde, vai se encantar com a boa literatura. Assim, convoca os adultos que leem e fazem a mediação de leitura para os mais jovens a descortinarem o rico repertório das narrativas acumuladas por gerações, que são um patrimônio da humanidade e que revelam a riqueza de diversos povos e culturas.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar*: literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A escritora e estudiosa colombiana compartilha os textos de diversas conferências de que participou e nos quais reflete sobre o trabalho de educadores e mediadores que se debruçam sobre a temática da promoção da leitura para crianças.